

GESTÃO DEMOCRÁTICA E A FORMAÇÃO DO SUJEITO INTEGRAL: ESTRATÉGIAS PARA A SALA DE AULA

DEMOCRATIC MANAGEMENT AND THE TRAINING OF THE INTEGRAL STUDENT:
STRATEGIES FOR CLASSROOM

GESTIÓN DEMOCRÁTICA Y LA FORMACIÓN DEL SUJETO INTEGRAL: ESTRATEGIAS PARA
EL AULA

Maria Raquel Caetano

Doutora em Educação pela UFRGS-RS. Professora e Coordenadora do pós-graduação do IFSUL-Campus Charqueadas.

Catia Santos Silva

Especialista em Gestão Educacional. Docente da Rede Municipal de Educação de Igrejinha-RS. catiadasilva10@hotmail.com.

RESUMO

Este artigo apresenta reflexões sobre a educação para a democracia, a qual possui o objetivo de desenvolver o sujeito integral, sendo esse capaz de (re) conhecer a cultura existente, construir história e produzir novos conhecimentos. Além disso, que saiba dos seus direitos e deveres, a importância de viver em grupo, respeitar e ser respeitado, promovendo, assim, conseqüentemente, uma sociedade mais humana e um sujeito que atue conscientemente em sociedade pensando no bem de todos. Será abordado o que significa para essa pesquisa formar o sujeito em sua integralidade contemplando os aspectos: histórico, social e político, bem como a importância da mediação do educador na formação desse ser complexo na sala de aula e a importância de promover um ambiente cujas relações e aprendizagem aconteçam de forma tranqüila. A pesquisa fará um diálogo entre a teoria e a prática baseada nos autores Freinet e Paro, sugerindo caminhos possíveis que contribuirão para o desenvolvimento do sujeito nessa perspectiva. No decorrer do artigo, realizou-se a análise das estratégias aplicadas em uma turma de alunos na cidade de Igrejinha-RS por meio de observação, reflexão e análise das atividades e levantamento de dados realizado com alunos e professores. Concluiu-se que é possível, por meio de estratégias adequadas, desenvolverem o sujeito em sua integralidade, pois os resultados foram positivos, principalmente em relação a como os alunos passaram a entender-se, resgatando a autoestima e o desejo de aprender, valorizando-se como sujeitos participantes e protagonistas da história, capazes de influenciar vidas e, conseqüentemente, a sociedade positivamente.

Palavras-chave: Gestão democrática. Formação do Sujeito Integral. Estratégias. Sala de aula.

ABSTRACT

The following article presents reflections about education through democracy, which has the goal to develop the integral student who is capable of recognizing the current culture around him/her, build his/her own history and produce new knowledge. Nevertheless, a person who knows his/her rights and duties, and that knows the importance of respecting and being respected, which would lead to a more human society as well as having in mind the well-being of all. The article defines what it means to form a student in his integrality contemplating the historical, social and political aspects as well as the importance of the educator mediation to form this complex human being in the classroom and the importance to promote an environment of good relationships so that the learning process can happen in an easy way. The following study shows the connection between theory and practice based on the authors Freire and Paro suggesting

possible paths (strategies/methodologies) that will contribute to the student development under such perspective. The article analyses the methodology used in a group of students in the city of Igrejinha in the state of Rio Grande do Sul by observing and analyzing questionnaires applied to students and teachers involved in this experience. It was possible to conclude that it is possible, through suitable strategies, to develop a person in his integrality due to the positive results regarding how students began to understand themselves, how they regain their self esteem and the desire of learning by considering themselves as active participants of the history and who are capable of influencing lives and consequently the society in a positively way.

Keywords: Democratic Management. The formation of integral student. Strategies. Classroom.

RESUMEN

Este artículo presenta reflexiones sobre la educación para la democracia que tiene el objetivo de desarrollar el sujeto integral, capaz de (re) conocer la cultura existente, construir la historia y producir nuevos conocimientos. Además, que el sujeto sepa sus derechos y deberes, la importancia de vivir en grupo, respetar y respetarse, promoviendo, así, una sociedad más humana y un sujeto que actúe conscientemente en sociedad pensando en el bien de todos. Se abordará lo que significa para esta investigación formar el sujeto íntegro en su totalidad contemplando los aspectos: histórico, social y político, así como la importancia de la mediación del educador en la formación de este ser complejo en el aula y la importancia de promover un entorno cuyas relaciones y el aprendizaje se lleve a cabo sin problemas. La investigación hará un diálogo entre la teoría y la práctica a partir de los autores Freinet y Paro, lo que sugiere posibles maneras de contribuir al desarrollo del sujeto en esta perspectiva. A lo largo del artículo, se ha realizado el análisis de las estrategias aplicadas a una clase de estudiantes en la ciudad de Igrejinha-RS a través de la observación, reflexión y el análisis de las actividades y los datos de las encuestas de estudiantes y profesores. Se ha concluido que es posible, a través de estrategias adecuadas el desarrollo del sujeto en su totalidad, debido a que los resultados fueron positivos, en particular con respecto a cómo los estudiantes han llegado a entenderse, rescatando la autoestima y el deseo de aprender, valorándose como sujetos sujeto participantes de la historia, capaces de influenciar en las vidas y, consecuentemente en la sociedad de manera positiva.

Palabras-clave: Gestión Democrática. Formación del Sujeto Integral. Estrategias. Aula.

INTRODUÇÃO

A educação é um direito assegurado pela Constituição Federal de 1988 e é um bem público de caráter próprio por implicar a cidadania e seu exercício consciente e qualificar para o mundo do trabalho, por ser gratuita e obrigatória e por ser, também, dever do Estado. O acesso à educação é um direito reconhecido e necessário que seja garantido.

Para isso, a primeira garantia é que ele esteja cercado de todas as condições para se efetivar, do acesso à qualidade (CURY, 2002). É necessário também pensar os objetivos para os quais a educação se efetiva. “Se pensarmos o homem como objetivo da educação e sua condição de sujeito histórico, ele faz história ao produzir cultura” (PARO, 2010, p.25) e, para isso, precisa apropriar-se da cultura historicamente produzida. Se a educação está preocupada com o homem na integralidade da sua condição histórica e não apenas para a

preparação ao trabalho ou para os resultados, essa educação não se bastará apenas das informações e dos conhecimentos, como costumava fazer a escola. O conceito de educação determinará a maneira de se conceber e realizar a prática da ação educativa (Idem, p.26).

Julgar o homem como ser histórico implica considerá-lo como ser social e político. “O político aqui é entendido como a produção da convivência entre pessoas e grupos e não pode ser considerado de forma isolada, mas na relação com outros sujeitos” (ibidem, p.26-27). Essa convivência pode ocorrer de duas formas: pela dominação ou pelo diálogo. É no diálogo, espaço de convivência entre os grupos, que, segundo Paro (2010), dá-se a democracia no seu sentido amplo. Nesse sentido, tornar o homem histórico como objetivo da educação implica formá-lo como cidadão.

Afirmando em sua condição de sujeito e preparando-o para atuar democraticamente na sociedade [...] ao considerar a cultura como conteúdo da educação, nela se incluem os valores da convivência democrática, visto que a democracia é um dos elementos dessa cultura que, como construção histórica, só se transmite historicamente. (PARO, 2010, p.28).

Aponta-se aqui o objetivo da educação para este trabalho: formar o sujeito na sua integralidade e não apenas para os conteúdos escolares, para a aprendizagem da leitura ou para as avaliações. Defende-se uma educação que forma para a cidadania no sentido de formação ampliada do homem, tendo como objetivo sua atuação para uma sociedade democrática.

Se o homem tem como base a construção de uma sociedade democrática, a escola precisa incorporar a participação ativa da comunidade escolar, especialmente professores, funcionários e alunos, pois o que se pretende é que a escola ensine mais do que conhecimentos e informações. A escola precisa ser portadora “dos valores que pretende desenvolver e ser capaz de oferecer aos alunos, professores e comunidade escolar a vivência de situações concretas em que tais valores se fazem presentes.” (PARO, 2010, p.29).

Para tal, faz-se necessária a reafirmação da gestão democrática entendida como a participação efetiva dos vários segmentos da comunidade escolar, pais, professores, estudantes e funcionários na organização, na construção e na avaliação dos projetos pedagógicos, na administração dos recursos da escola, enfim, nos processos decisórios. Na trajetória da gestão democrática, a participação é um dos pressupostos indispensáveis para sua efetivação. A gestão democrática da escola tomou forma e transformou-se na oportunidade real e ideal para consolidar essa instituição como um espaço público, de construção coletiva e de desenvolvimento dos cidadãos. “Essa forma de gestão é o início do aprendizado da democracia e define-se como a mediação para a realização de uma sociedade livre” (CAETANO, 2010).

Para que isso ocorra, faz-se necessário que os envolvidos no processo educativo percebam-se como agentes e não expectadores do processo, em que a autonomia possa ser exercida com sua real finalidade, ou seja, elaboração conjunta de práticas educacionais que visem a melhores condições para uma formação de qualidade das crianças e dos jovens que fazem parte do processo escolar.

Adotar a gestão democrática é possibilitar situações das quais a comunidade escolar participe efetivamente, oferecendo contribuições significativas tanto ao processo de formação dos alunos, quanto a melhorias para a escola, implicando, assim, na participação de todos os sujeitos envolvidos no processo educativo. Nesse sentido, a gestão democrática é concreta porque é um processo alicerçado na participação, transparência, coletividade, competência, liderança e autonomia, afirmando, assim, a escola como um espaço capaz de gerar e construir ideias que permitam melhorar tudo aquilo que é próprio dela.

O artigo orienta-se pela apresentação e reflexão de estratégias possíveis para desenvolver o ser em sua integralidade sob a perspectiva de uma educação emancipadora. No desenvolvimento metodológico, procede-se ao levantamento de fontes secundárias (pesquisas e produções já desenvolvidas sobre o tema). Neste artigo, abordar-se-ão as produções já realizadas por Paro (2010) e Elias (1996; 1997).

No âmbito deste texto, busca-se compreender a gestão democrática e a sua relação com a formação do sujeito integral. Analisam-se, dessa forma, as estratégias utilizadas na sala de aula que contribuem na formação do sujeito.

Sala de aula: um diálogo entre Vitor paró e Freinet

A escola, como campo privilegiado de intervenções políticas e pedagógicas, traz na sua essência pedagógica a possibilidade de construção de novas práticas que priorizem a via democrática na escola e na sociedade (CAETANO, 2013). O processo de gestão democrática constrói-se na correlação das forças políticas em que deve prevalecer o bem comum em primeiro plano. É necessário pensar os objetivos para os quais a educação se efetiva. “Se pensarmos o homem como objetivo da educação e sua condição de sujeito histórico e social, ele faz história ao produzir cultura” (PARO, 2010, p.25) e, para isso, ele precisa apropriar-se da cultura historicamente produzida, e a escola é o lugar em que esse saber sistematizado pode contribuir para a emancipação humana.

Nesse sentido, “[...] a via que está aberta é a da sala de aula como veiculação de um discurso que faça florescer a consciência crítica, não a idealista, mas a resultante das injunções histórico-sociais, aquela fundada nas relações concretas”. (MORAIS, 1991, p. 45).

Pensando na sala de aula em uma perspectiva de educação para a democracia, é importante dizer que existem dois protagonistas de extrema importância: o professor e o aluno, sujeitos cheios de vida, sonhos, desejos, sentimentos, crenças, valores, princípios, conhecimentos e experiências. Esse lugar é um espaço de relacionamentos, o qual precisa ser o mais saudável possível. Além disso, esse ambiente precisa ser acolhedor e seguro para ambos, pois dessa maneira a aprendizagem acontece de forma significativa para todos.

Como um espaço de relacionamentos, é necessário pensar a sala de aula com uma nova visão em que haja o respeito entre os alunos e entre o aluno e educador. Esse respeito estabelecerá vínculo afetivo e uma relação de confiança entre esses sujeitos, tornando esse ambiente aconchegante e, conseqüentemente, um lugar de que se deseja

fazer parte, no qual teoria e prática se completam, e o sujeito possa interagir com o conhecimento. Segundo Elias,

[...] Freinet propõe uma pedagogia natural, “nova e popular” que enseja ao aluno não apenas o acesso à informação, mas também a apropriação do saber; uma pedagogia que, avessa ao imobilismo e a abstração, insere a alegria e o prazer no processo ensino-aprendizagem. Essa pedagogia – também entendida como Pedagogia do Bom Senso e Pedagogia do Sucesso – alicerçada, principalmente, nos seguintes princípios: Confiança e respeito ao ser humano e seus direitos. (ELIAS, 1996, p. 12, grifo do autor).

É um espaço de relações com a cultura, objetos e símbolos. É também o espaço em que o professor relaciona-se diretamente com seus alunos, e os alunos relacionam-se entre si; é um lugar de vida pulsante. Essa relação é fascinante e encantadora. Ali, aprende-se sobre a cultura construída historicamente pela humanidade, pois ocorre a troca de experiências, reflete-se e se constroem conhecimento e valores, princípios de convivência e de caráter que os educandos levarão para a vida toda. O professor tem o poder de influenciar vidas por meio da relação que estabelece com os sujeitos e, conseqüentemente, enriquece sua vida com as trocas de experiência e conhecimento. Enfim, ele é o adulto responsável em mediar o processo de humanização. Paro afirma que

O professor aprende enquanto ensina e se engrandece e se fortalece em seus tributos intelectuais tornando-se mais poderoso à medida que enriquece a sua personalidade. No entanto, o mais importante para o tema do ensino é precisamente sua capacidade de influir no comportamento de outros. E esse poder é de uma importância tão fundamental em termos sociais que o educador não apenas modifica o comportamento do educando ou do aluno, mas constitui a própria mediação, ou melhor, a construção de sua personalidade. (PARO, 2010, p. 50-51).

Sendo assim, o professor, com apoio da equipe diretiva e pedagógica, é o mediador de saberes e de ensinamentos de vida ao sujeito em desenvolvimento. Isso é de extrema importância para alcançar uma sociedade mais justa e humana, tendo o aluno como foco das ações na escola. Para tanto, é fundamental que o educador tenha uma visão integral do sujeito, acreditando em suas potencialidades como um todo, pois nem todos serão bons nas mesmas funções, como, por exemplo, na leitura e na escrita

(padrão estabelecido e exigido no sistema educacional atual), por isso a prática do professor precisa contemplar o sujeito como um todo e estimular todas as suas potencialidades. Paro contribui dizendo que:

O homem nasce com potencialidades infinitas para fazer-se humano-histórico, apreendendo a cultura disponível e formando sua personalidade, mas ele não faz isso naturalmente. É preciso a intervenção do educador. E esse é o seu poder: a capacidade de levar indivíduos a se fazerem seres dotados de historicidade. (PARO, 2010, p. 50).

O educador precisa ver seu aluno como um ser capaz de adquirir a cultura existente bem como de transformá-la. Porém, sabe-se que, atualmente, o aluno tem perdido o desejo e a vontade de estar em sala de aula e de aprender, o que desafia a pensar e reconstruir a escola, a sala de aula e a prática docente (metodologia) como um todo, pois há uma nova realidade de sociedade. Isso gera alunos diferentes daqueles que se tinha em sala de aula até pouco tempo: são crianças com acesso à tecnologia desde muito cedo, acesso ao conhecimento rápido, livros, programas de televisão de qualidade e de má qualidade, entre outros. Eles frequentam a escola infantil desde muito cedo ou não, carentes da atenção e cuidados da família; alguns com pouco acesso à informação, mas com experiências de vida importantes de serem consideradas. Enfim, os alunos criam culturas próprias de ser e estar na escola. Diante dessa situação, o professor precisa desenvolver sua função social, a qual, segundo Paro, significa

[...] construir personalidades humano- históricas, quando, por uma relação de risco, isto é, pela persuasão, logra construir em seu aluno um valor que permeia todo seu aprendizado: o desejo de aprender. Ao fazer isso, ele potencializa o aluno, incrementa seu poder-fazer. Daí para a frente é o aluno o autor de sua educação. (PARO, 2010, p. 56).

A forma como o educador desenvolve o seu trabalho despertará esse sujeito para a aprendizagem significativa e participativa, bem como para a construção de valores e princípios de convivência que valorizam o ser humano pelo ser que é e não simplesmente pelo fato de ter bens materiais. A educação dentro dessa proposta definirá a sociedade

humanizada que se almeja. Por Humanização, utiliza-se o conceito de Lima, que o define como

[...] o processo pelo qual todo ser humano passa para se apropriar das formas humanas de comunicação, adquirir e desenvolver os sistemas simbólicos, aprender e utilizar os instrumentos culturais necessários para as práticas mais comuns da vida cotidiana e até para a invenção de novos instrumentos. (LIMA, 2011, p. 8).

Humanização, nessa perspectiva, tem relação com o desenvolvimento cultural do ser humano pelo fato de possibilitar ao indivíduo o acesso à cultura, tecnologia, ciências e aos bens disponíveis à humanidade, como arte, música, literatura, computador, os instrumentos e materiais básicos que a escola “sala de aula” deve facilitar, independente da classe social ou etnia, pois a criança vem para a escola para aprender determinados conhecimentos e dominar instrumentos que lhe possibilitem a aprendizagem. Lima (2011) diz que ela precisa, sobretudo, aprender a utilizar essas aquisições, não só para o desenvolvimento pessoal, mas para o desenvolvimento coletivo, ou seja, para o conhecimento colocado a serviço do bem comum.

Nessa visão, a educação para esse novo tempo precisa buscar meios que facilitem essa aprendizagem. Para tanto, a Pedagogia de Freinet contribui na organização de estratégias para a sala de aula, pois

[...] o principal fim da educação é o crescimento pessoal e social do indivíduo, elevar a criança a um máximo de humanidade, preparando-a não apenas para a sociedade atual, mas para uma sociedade melhor, fazendo-a avançar o mais possível em conhecimento individual e coletivo. (ELIAS, 1997, p.90).

Entender a sala de aula como um ambiente saudável, transformador, é valorizar os saberes, entender os sujeitos e acreditar nas possibilidades e na capacidade de liderança de cada um. É valorizar a vida dentro e fora de quatro paredes, pois a vida

[...] é algo mais sutil e evoluído que as descobertas da ciência, e a criança um ser único e de múltiplas possibilidades. Sua vivência, sentimentos, vida pessoal e familiar e conhecimentos anteriores, quando trazidos para a sala de aula através do texto livre, são informações de grande valia para melhor conhecimento dos alunos. (ELIAS, 1997, p. 63).

Refletir sobre o trabalho em sala de aula nessa perspectiva é questionar a prática constantemente. É se utilizar de metodologias coerentes com essa proposta a fim de desenvolver um indivíduo integral, valorizando os seus saberes.

A autonomia que se busca enquanto melhoria e qualidade do ensino não se restringe apenas ao conteúdo ou ao estabelecimento de leis próprias. É preciso que seja um exercício consciente, vinculado à identidade do meio, sua cultura e instituições que o circundam e que esteja, acima de tudo, imbuída de um ideal político e pedagógico. Paro (2010) ainda diz que o essencial a se considerar é que, se o fim a alcançar é o homem como sujeito, a maneira e os métodos utilizados precisam ser coerentes com esse fim.

Ao dialogar com Paro e Freinet, percebe-se que há aproximações teóricas entre esses dois estudiosos, pois Paro traz a visão do sujeito em sua integralidade e Freinet as sugestões de estratégias de como desenvolver esse indivíduo integral (ser social, histórico e político) com autonomia para atuar criticamente na sociedade, conhecendo seus direitos, mas também seus deveres para com o bem coletivo. Elias diz que para Freinet:

Em toda a sua obra os aspectos políticos e sociais caminham lado a lado com os educacionais, pois considera que os interesses antagônicos das classes sociais já haviam invadido todos os espaços da vida social e da escola. O que Freinet pretende mostrar é que uma prática comprometida em sala de aula pode combater não apenas a evasão escolar, mas contribuir para a formação de educandos, futuros trabalhadores. Em condições de defender os próprios interesses. (ELIAS, 1997, p.90-91).

Não se pode deixar de mencionar que esses ideais devem estar pautados no Projeto Político Pedagógico da instituição, indicando o caminho a ser seguido pela comunidade escolar na formação dos alunos, o que resultará em um trabalho com objetivos conjuntos e com resultados concretos. Partindo desse conceito, é que serão apresentadas, no limite deste artigo, as práticas realizadas em sala de aula, em uma proposta de ação-reflexão da prática docente e das práticas realizadas pelos alunos.

Sala de aula: lugar de desenvolver estratégias para formação do sujeito integral

A sala de aula é onde acontece, de forma mais imediata, o processo educativo. É onde o professor faz sua prática, e a formação escolar do educando se dá nesse espaço de interação entre sujeitos mediados pela realidade. A aula não está desvinculada da escola e da sociedade, pois assim como pode receber influências, pode intervir na realidade (CAETANO, 2013).

De um modo geral, quando se trata de educação escolar, tem-se em mente, de forma limitada, aquela educação formal e convencional que ocorre no interior da escola e das salas de aula e que tem como principal objetivo a transmissão do conhecimento dito escolar, sistematizado e organizado, sob a forma de planos curriculares e conteúdos programáticos. Assim, nem sempre se percebe ou se leva em consideração que o que ocorre na escola é resultante de uma trama de relações entre vários espaços educativos - os espaços da família, da vizinhança, da rua, da praça, das igrejas, das empresas, dos clubes e das associações -, dentre os quais se situa o espaço escolar. Uma educação escolar voltada para o exercício da cidadania crítica só pode ocorrer, de fato, quando são rompidos aqueles limites de percepção, pela inclusão de uma visão que incorpora a ideia de que o meio social e cultural, em suas variadas expressões e dimensões, fornece o contexto e os elementos para uma aprendizagem que cabe à escola valorizar, sistematizar, ressignificar, ampliar e transformar (CAETANO, 2013).

Considerando o princípio de que aprender se dá a partir da intervenção humana na construção da história do aluno e que o processo educativo é realizado de forma a favorecer a autonomia de cada pessoa, a capacidade de ser responsável por si e pelas atitudes em relação aos outros é que o professor, como mediador da aprendizagem, tem um papel fundamental na condução e organização dos trabalhos para a promoção do ensino e da aprendizagem efetiva. A gestão na sala de aula refere-se às ações desenvolvidas pelo professor para criar as condições adequadas ao processo de ensinar e aprender.

É fundamental reconhecer que os sujeitos participantes do coletivo escolar - alunos, professores, funcionários e pais - trazem consigo, experiências, concepções de

mundo, conhecimentos e interpretações variadas do próprio conteúdo escolar que, por um lado, não podem deixar de ser valorizados e que, por outro lado, precisam ser questionados em seus limites conservadores, historicamente comprometidos com políticas sociais de dominação e exclusão (BRASIL, 2006). Daí a necessidade de uma prática que, “problematizando as concepções elitistas que permeiam a rotina educacional da escola, promova a reconstrução democrática dos fazeres educativos, instituindo o diálogo como práxis” (BRASIL, 2006, p.94).

Os alunos envolvidos nesta pesquisa foram um grande desafio em termos de aprendizagem e de relações, pois não conseguiam estabelecer uma relação de confiança com os professores e não os respeitavam. Não se viam como um grupo e agiam com violência na solução de conflitos. Na turma, havia 22 alunos, sendo nove meninas e 13 meninos, dos quais um menino apresentava diagnóstico de Deficiência Mental Leve ao qual não se conseguia dar a atenção adequada devido às características da turma, o que frustrava muito. As idades das crianças variavam de 10 a 14 anos. Em sua maioria, estavam juntos desde a pré-escola. É importante ressaltar que a diversidade e a história de cada um dos sujeitos que compõe esse grupo é rico em conhecimentos de vida, cuidados e conhecimento sobre os animais, de plantações e atividades práticas manuais, como, por exemplo: construção de carrinhos de lomba, brinquedos, entre outros, porém as relações familiares deixam a desejar, sendo o contexto em que vivem é considerado de risco.

Os alunos eram oriundos de uma comunidade de periferia, e a realidade que se apresentava é que muitos ingressavam na escola, mas poucos concluíam o 9º ano por diferentes motivos. Ao mesmo tempo, eram alunos que esperavam algo novo, que os desafiasse a novas descobertas baseadas na realidade e necessidades locais. Enfim, fala-se de um sistema escolar que não inovou ao longo do tempo para atender a demanda de uma escola para todos.

Tais desafios permitem refletir e avaliar a prática pedagógica e a busca de meios mais eficazes que envolvam os educandos e os tornem responsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem de modo prazeroso e significativo. Elias, por meio dos resultados de seus estudos sobre Freinet, afirma que

[...] o trabalho pedagógico deve ser dinâmico e deve partir do conhecimento que a criança já domina. Deve também respeitar o seu ritmo, para que ela atinja a plena realização de seu potencial. Freinet aponta que, nas gerações que o procederam, não havia alterações profundas e radicais do meio: a criança morava na mesma casa, comia o mesmo tipo de alimento que havia alimentado – com sucesso - gerações anteriores e usava as mesmas ferramentas, nos mesmos campos para fazer nascerem os mesmos grãos e colher os mesmos frutos. Era uma técnica de vida quase perfeita, através da qual a criança herdava naturalmente os conhecimentos, as reflexões e o bom senso das gerações que caminhavam bem próximas dela. A nova técnica contemporânea, ao inovar, desequilibrava e modificava o homem e o meio. (ELIAS, 1997, p. 39).

Observa-se que esse “desequilíbrio social” reflete diretamente na vida e comportamento das crianças que se recebem em sala de aula. Para ajudá-los nessa caminhada, foi necessário buscar estratégias que os envolvessem e que despertassem o interesse e o desejo de estar na escola, pois percebemos, por meio das respostas dos alunos que responderam o questionário, que a maioria dos treze alunos envolvidos na pesquisa não gostava de ir à escola e os três que responderam que gostavam, afirmaram não ter entusiasmo para aprender devido ao caos escolar que a turma fazia.

O nível de conhecimento do 5º ano correspondia a alunos de 3º ano, muitos com dificuldades para ler e escrever palavras simples, e com grande quantidade de alunos em distorção ano/idade (resultados dos índices de reprovação). Podem se observar essas questões por meio dos relatos dos professores que responderam os questionários e que serão identificados como professor A e professor B.

Em relação às características da turma, o professor A diz que os alunos possuíam defasagem de aprendizagem acentuada e com a presença de alguns ainda em processo de alfabetização. O comportamento apresentava alto índice de indisciplina entre os colegas e com os professores. Já o professor B caracteriza a turma “como sendo muito agitada com focos de divergências e defasagem de idade/ano, com presença de líderes negativos que acabam levando toda a turma [...]”. Já na aprendizagem, apresentam muito atraso cognitivo e motor.”.

Os próprios alunos – identificados neste artigo pelas letras A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K - possuíam uma visão negativa a respeito de si e da turma e se intitulavam como:

Aluno A: Nós éramos os alunos mais bagunceiros da escola e ficamos em meio termo de aprendizagem.

Aluno B: A turma 151 do ano passado o comportamento não era agradável tinha vez que os professores saiam da nossa sala chorando. E a aprendizagem também não era muito boa os alunos não prestavam atenção e depois não sabiam o que tinham que fazer.

Aluno C: Nossa turma era um terror e nenhum professor gostava de nós.

Aluno D: A turma do ano de 2014 era uma turma incomodativa e não respeitavam os professores.

Aluno I: No começo do ano era impossível ter aula em paz, porque era grito de um lado, dois, três até cinco pessoas falando ao mesmo tempo, era um inferno, para falar a verdade era todo mundo, era o que fazia e as pessoas que seguiam, uma Maria vai com as outras.

Diante dessa realidade, os professores, como seres dotados de sentimentos, tiveram que superar suas angústias e frustrações para buscar estratégias no resgate desses sujeitos na sua integralidade. Porém, em um primeiro momento diante desse desafio, eles relataram que:

Professor A: No primeiro momento o sentimento foi de desistir, largar a turma e ir trabalhar com outra turma em outro contexto.

Professor B: Angústia e impotência, pois a realidade deles eu não conseguia mudar.

De acordo com os relatos, os educadores reconhecem como desafio despertar e elevar a autoestima da turma já que a grande maioria não vê sentido nos estudos. Enfrentaram o que Freinet (*apud* ELIAS, 1997) chama de libertação pedagógica, momento em que o docente precisa se desprender de conceitos e metodologias que não permitem aos alunos a participação, a experimentação, a colaboração, a aprendizagem coletiva, o acesso à cultura e à liberdade de expressão (ouvir e ser ouvido).

Sendo assim, foi necessária uma mudança de metodologia e estratégias de trabalho com esse grupo. Para isso, pensou-se em realizar o trabalho por meio de um projeto com o objetivo de desenvolver o sujeito em sua integralidade em uma tentativa de despertar o prazer pela aprendizagem, o fortalecimento do vínculo entre os alunos e, conseqüentemente, com os professores, os quais tinham muita dificuldade para reter a atenção dos alunos, construindo regras a serem observadas em sala.

Partindo do pressuposto de que se vive em sociedade, de que um depende do outro e de que as atitudes afetam diretamente a todos que estão próximos, organizou-se, enquanto escola e turma, um trabalho cooperativo em que uns precisavam cuidar dos outros, ajudando aqueles que necessitavam melhorar a aprendizagem, construindo assim, uma história que deixará marcas positivas na vida dos alunos, professores e escola. Para tanto, utilizou-se o diálogo para compreenderem a necessidade de se preparar para conviver em sociedade, não só na relação com o conhecimento, mas também nas aprendizagens para a vida.

Elias traz a essência da pedagogia de Freinet, que busca envolver integralmente o ser, quando afirma que ela:

Preconiza para o processo educativo uma escola viva, feliz onde se trabalhe e construa, dando verdadeiramente significação social ao trabalho. Os conceitos – chaves de sua proposta são dois: o trabalho e a livre expressão. Não há preocupação com a quantidade de conhecimento, mas com o processo e sua construção. Praticar a livre expressão e a convivência cooperativa significa intervir a metodologia. A experimentação é o eixo em torno do qual devem girar todas as ações infantis, organizando o meio para favorecer a tentativa experimental. O exercício da vivência cooperativa foi também um dos elos do seu processo experimental que colocou no centro do próprio conhecimento pedagógico e de suas técnicas de vida (ELIAS, 1997, p. 36).

Uma alternativa encontrada foi a de realizar atividades grupais nos quais a eleição de líderes para o grupo foi fundamental, uma vez que sempre havia um líder o qual sabia com clareza quais as suas atribuições e responsabilidades. Os líderes eram eleitos semanalmente dando a oportunidade a todos de passar por essa experiência. No final da semana, realizava-se uma assembleia para avaliar o desempenho do líder e dos componentes de cada grupo (cumprimento de suas responsabilidades, atitudes, resolução dos conflitos, auxílio na aprendizagem dos colegas, cooperação, entre outros), apresentando, assim, os aspectos positivos e aqueles que ainda precisavam ser modificados.

Na proposta de Freinet, a eleição de coordenadores de grupo proporciona ao sujeito o desenvolvimento de responsabilidades e autonomia. Essas, quando vivenciadas,

contribuirão na formação do sujeito para a vida em sociedade. Nesse sentido, Elias contribuiu dizendo que

Freinet jamais aceitou a competição individual que existia nas escolas; em seu lugar propôs a vida cooperativa, idéia reforçada no encontro com Cousinet e Profit, em Montreaux (1924). Freinet vai mais longe: sua pedagogia circula entre o individual e o coletivo, procurando desenvolver ao máximo o senso cooperativo. (1996, p.65).

Estabelecem-se, dessa forma, regras e consequências elaboradas juntamente com a turma, as quais foram transformadas em um documento que foi assinado pelos alunos. Os professores da turma tinham a mesma fala e realizavam as mesmas cobranças juntamente com a equipe diretiva e pedagógica da escola, as quais mediavam a participação das famílias diante dos conflitos que surgiam. Em relação a essa metodologia, os alunos destacaram que:

Aluno B: Eu gostei e acho que a turma também ele nos mostrou que na vida a gente precisa de ajuda e que sempre com ajuda a gente aprende mais.

Aluno C: Foi um trabalho bem legal porque ensinou que nós não estamos sozinhos.

Aluno D: Eu aprendi bastante coisa, pois a gente conversava e saía as dúvidas, aprendi a respeitar mais meus colegas e professores. Aprendizagens de conviver e de conteúdo.

Aluno F: Foi importante pra mim e para a turma e eu levarei para a minha vida toda.

Aluno H: Foi importante porque assim a gente aprendeu mais fácil.

Aluno I: Foi importante, pois quando não conseguíamos algo perdemos a vergonha de pedir ajuda.

Aluno J: Aprendemos que os amigos precisam ajudar quem não sabe ler.

Observou-se que os alunos vivenciaram essa experiência de forma bastante positiva. Os resultados quanto à convivência, respeito aos colegas e à valorização do trabalho em grupo, trocas de conhecimentos, amizades e preocupação com o outro serão conquistas que os educandos levarão para toda a vida. Esses ensaios contribuirão para uma vida em sociedade mais humana. Já em relação à turma, observou-se a construção de laços, vínculo de confiança e respeito entre alunos e professores. Isso

diminuiu significativamente a falta de respeito e a violência física e verbal entre os alunos e até mesmo com os professores.

Partindo dessa perspectiva, visando desenvolver o sujeito integral de forma significativa e prazerosa, é que se pensou em adotar aulas-passeio, experimentações e pesquisas relacionadas aos temas estudados. Além disso, pensou-se em uma apresentação para a turma e comunidade escolar, despertando, assim, a capacidade de argumentação dos alunos.

As aulas-passeio foram uma das atividades mais mencionadas pelos alunos, os quais a consideram como um meio prazeroso e facilitador da aprendizagem, e como a atividade mais marcante do ano letivo de 2014. Realizaram-se saídas de campo para observação dos recursos hídricos, dentro da cidade, e atividades que visaram a intensificação de interações interpessoais, através de um passeio guiado à cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, e que encerrou o ano letivo. O roteiro do passeio a Porto Alegre incluiu uma visita ao Museu da PUC, a estátua do Laçador (símbolo oficial de Porto Alegre e que representa o gaúcho vestido com a roupa tradicional), ao Shopping Praia de Belas, aos estádios Arena e Beira-Rio (estádios dos dois principais times de futebol do estado do Rio Grande do Sul), passeio as proximidades do Aeroporto Internacional Salgado Filho e às margens do Rio Guaíba (bacia de sedimentação, ao qual a cidade Porto Alegre-RS está histórica e culturalmente ligada, desde a chegada dos primeiros casais açorianos até o atual desenvolvimento econômico da região), entre outros. Vivenciar a atividade proporcionou uma nova perspectiva de vivência aos alunos, os quais puderam ver e entrar em lugares antes vistos somente nas imagens de livros, na rede mundial de computadores (internet) e em reportagens de televisão. Pode-se perceber, um deslumbramento ainda maior, ao entrarem na Arena e no Beira-Rio e terem a oportunidade de percorrerem lugares nos quais os jogadores passam, além de sentarem-se no auditório de entrevistas. Foram experiências que os educandos nunca esquecerão, pois entraram nos estádios que sediaram jogos da Copa do Mundo. As aulas-passeio proporcionam aos alunos a interação com objetos/lugares que estão além dos muros escolares, proporcionando descobertas e vivências que contribuem para a aprendizagem relacionada ao meio em que os alunos estão inseridos. O contato com a natureza, a troca de ideias com a comunidade e com a cultura construída ao longo da

história, por meio de uma pesquisa pré-organizada pelo grupo em sala de aula, favoreceram experiências de vida que ficarão consolidadas nas suas memórias.

Nas respostas dos alunos, percebe-se o quanto essas atividades foram significativas para a turma e facilitaram a aprendizagem:

Aluno A: Eu aprendi muito nesses passeios e foi muito legal aprender sobre isso.

Aluno B: O que eu mais gostei foi a saída de campo em Porto Alegre e na nascente do arroio, porque a gente pode saber da história que não sabia e como tudo começou e como tudo mudou desde antigamente. Aprendi muito fazendo pesquisa, fazendo passeio e fazendo entrevistas.

Aluno C: O que mais marcou foi a saída para Porto Alegre, porque a turma obedeceu mais porque foi bem legal.

Aluno F: O que mais me marcou foi o passeio a Porto Alegre que foi importantíssimo para mim porque lá eu vi várias coisas que eu sempre quis ver.

Aluno I: Conheci a capital do meu Estado, passei por várias cidades e vi várias coisas.

Aluno K: Porque foi nesses passeios que todos viram que a nossa turma era capaz de mudar.

Além da percepção dos docentes, os alunos também perceberam o quanto aprenderam com essas atividades tornando-as experiências que nunca esquecerão e que certamente os tornaram alunos capazes de ver o mundo de uma forma mais integral, possibilitando maior autonomia e desenvolvimento nas capacidades de investigação. Para Sampaio, as contribuições das aulas-passeio na formação do sujeito de acordo com a pedagogia de Freinet são basicamente três:

- uma maior autonomia vivendo situações reais e assumindo novas responsabilidades, descobrindo suas próprias capacidades em situações desconhecidas;
- ampliar o campo de investigação, chegando a descobertas múltiplas, inesperadas e interessantes;
- privilegiar o encontro com o outro de maneira diferente daquela do dia-a-dia na escola. Encontro com o coleguinha que não brinca com ninguém, com a professora sempre apressada, com os acompanhantes carinhosos e os monitores atenciosos, promovendo uma troca afetiva e a tomada de consciência de valores sociais importantes para a vida de todos. (SAMPAIO *apud* ELIAS, 1996, p. 179).

O vínculo e a confiança que foram sendo construídos nesses momentos entre alunos e professores fizeram toda a diferença nas relações interpessoais. Outro facilitador de aprendizagem, segundo a turma, foi a dedicação e o respeito dos professores e o fato desses profissionais acreditarem na capacidade de mudança dos alunos. Pode-se confirmar esse fato pelos relatos dos alunos quando questionados sobre o que facilitou e despertou o gosto pela aprendizagem:

Aluno A: Nós começamos a gostar dos professores.

Aluno C: Foi os professores bem legais e queridos.

Aluno I: Os esforços dos professores para que todos aprendessem.

Aluno K: Os profes terem acreditado em mim.

Aluno L: O que facilitou foi a ajuda dos professores.

Aluno F: Nossa turma era um pesadelo quase nenhum professor nos aguentava até nós chegar no 5º ano o professor A e C nos tratavam muito bem e assim a nossa turma começou a melhorar. O trabalho em grupo também foi apontado como um facilitador.

Aluno D: O trabalho em grupo, pois na dificuldade os professores e colegas ajudavam.

Aluno H: Quando a professora X teve a ideia de colocar a gente em grupos.

Aluno J: No trabalho em grupo os colegas e as professores me ajudavam e eu ficava muito feliz com a ajuda deles.

A leitura e reflexão sobre a vida, responsabilidade, respeito aos outros, bem como a elaboração de mensagens criadas pela turma e compartilhado em redes sociais também foi apontado por alguns alunos como ações importantes. De acordo com o aluno F: “Sim foi importante para mim e para a turma e eu levarei para a minha vida inteira os pensamentos que nós fazíamos.”.

Organizou-se a aula em etapas, como: recepção, desenvolvimento, reflexões da manhã e fechamento, como meio de organizar o tempo, o que possibilitou ao aluno um acompanhamento da atividade, o que acabou reduzindo substancialmente a ansiedade.

Nesses encontros foram desenvolvidas atividades com aulas de danças, de teatro e de apresentações direcionadas a comunidade escolar. Além disso, realizaram atividades de artes com argila, por meio de observação de vídeos e com o objetivo de aprender a trabalhar a argila e a secá-la, algo extremamente novo para o grupo de alunos. O grupo de discentes nunca havia participado desse tipo de atividade e a consideravam uma atividade que promovia a indisciplina.

A turma surpreendeu a comunidade escolar, ao apresentar no final do ano letivo uma peça teatral cujo momento de encerramento foi realizado com uma música, sendo que as famílias foram convidadas a cantarem e a participar da peça. Esse momento superou todas as expectativas do grupo e da comunidade em geral, o que pode ser evidenciado na fala do aluno F: “O que mais me marcou foi o passeio a Porto Alegre e o teatro de Natal.”.

Em relação à mudança de relações entre a turma e à aprendizagem no decorrer do ano, os professores apontam que a visão que tinham em relação à turma mudou de forma positiva. Essa nova percepção acerca do grupo se deu a partir da observação dos bons resultados que puderam vivenciar com os alunos na sala de aula, principalmente quanto à postura da turma em relação aos conflitos e à forma como passaram a resolvê-los.

Com o desenvolvimento dessas estratégias, foi possível concluir que a mediação dos professores e a metodologia utilizada em sala de aula foram as ferramentas fundamentais para alcançar a formação do sujeito em sua integralidade. Ela foi tão importante quanto à visão que se tem dos alunos, sendo preciso vê-los como sujeitos em desenvolvimento, acreditando em suas potencialidades, construindo saberes coletivamente, cooperando uns com os outros, participando, interagindo e sentindo-se parte do processo, os quais são fundamentais, tanto dentro quanto fora do espaço escolar.

Os educadores envolvidos nesse desafio, quando questionados sobre as aprendizagens que levarão para a sua vida profissional e pessoal a partir dos desafios apresentados neste ano letivo, responderam que:

Professor A: nós somos seres em construção e devemos estar abertos para mudar o nosso olhar em relação aos alunos/crianças que estão em processo de aprendizagem.

Professor B: o professor deve saber cada momento da sua turma, hora de cobrar, de ser amigo, ter compaixão e principalmente perseverança.

Enquanto profissionais da educação, é fundamental estar sempre atentos às necessidades dos alunos, considerando-os sujeitos que se desenvolvem de forma integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo intitulado “Gestão democrática e a formação do sujeito integral: estratégias para a sala de aula” buscou responder ao questionamento das estratégias adequadas para desenvolver o ser humano em sua integralidade. No intuito de responder à questão de pesquisa, partiu-se do pressuposto de que o sujeito ao qual se propicia o desenvolvimento de forma integral torna-se um sujeito com potencialidades capaz de atuar na sociedade.

A educação para a democracia possibilita o diálogo e a participação do indivíduo, valoriza a vontade do educando e do educador, para que juntos, encontrem novos caminhos em que as relações permeiam princípios como: afetividade, cooperação e colaboração, responsabilidade, autoestima, autonomia, respeito à vida, ou seja, à valorização do ser humano por sua essência e não pelos bens materiais que possui. É o educar para as relações de convivência a fim de que o sujeito possa construir valores éticos e estéticos para a convivência em sociedade.

Para tanto, é necessário que a sala de aula seja um lugar de vivência e prática democrática. Pôde-se, assim, ao longo deste trabalho, constatar que, enquanto profissionais da educação, é possível utilizar estratégias que venham contribuir na formação do sujeito em sua integralidade.

Na prática, foi observado a interação, a evolução da aprendizagem e o despertar do interesse pelas aulas. O despertar para cuidar e respeitar o grupo do qual se faz parte, valorizando o conhecimento de cada um e as potencialidades de liderança, fez toda diferença. Isso faz acreditar que a escola pode ser mais humana e tem o poder de influenciar a sociedade como um todo.

Apesar de não ter sido sanada toda a defasagem dos alunos, obteve-se a atenção e um novo olhar sob a turma, que recebeu no ano seguinte uma professora tutora para auxiliar em sala, nas questões de organização e dificuldades de aprendizagens. Foram realizados encaminhamentos e avaliações com profissionais específicos com o objetivo de contemplar os sujeitos em suas necessidades. A própria visão dos alunos em relação a

si e à turma se modificou, pois se viam como a pior turma da escola, percebendo, ao longo do processo, que poderiam ser melhores, valorizando suas potencialidades.

Não se pretende com esta pesquisa dar uma receita a qual se deve seguir com a intenção de solucionar todos os desafios que os docentes encontram em sala de aula, pois se sabe que cada grupo tem suas individualidades e exigirá a sensibilidade do professor em adequar sua metodologia às necessidades emergentes da realidade dos alunos, dando-lhes as ferramentas que os aproximem da cultura propriamente dita. Isso só foi possível acreditando no potencial individual e proporcionando a cada um a capacidade de compreender o conhecimento construído ao longo da história, através da argumentação e da transformação para um novo tempo. Porém, as atividades desenvolvidas demonstraram que é possível resgatar o desejo de aprender e estar no espaço da sala de aula.

A mudança ocorrida na turma foi um incentivo para os alunos e para toda a comunidade escolar, mostrando que é possível, por meio da educação, transformar uma realidade. Ao iniciar o projeto, não se tinha noção da dimensão que ele abrangeria em relação ao crescimento do grupo de alunos, como pessoas mais humanizadas, afirmando a si mesmas suas potencialidades e o poder de mudar a sua própria história.

As práticas desenvolvidas e apresentadas neste artigo implicam na formação do homem enquanto sujeito histórico, social e político. A escola e os professores, ao implantar projetos que considerem os alunos como protagonistas, que podem participar do processo de ensino e aprendizagem com responsabilidade, autonomia, valorizando a cooperação no grupo, a importância da afetividade, a pesquisa e a argumentação. Deste modo, cumprindo o seu papel de preparar o ser humano como cidadão, para atuar, democraticamente, em sociedade, considerando, para além dos conteúdos, o desenvolvimento de valores necessários para a convivência democrática.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Pradime: *Programa de Apoio aos Dirigentes Municipais de Educação / Ministério da Educação*. Secretaria de Educação Básica. – Brasília, DF: Ministério da Educação, 2006.

CAETANO, Maria Raquel. *Reflexões sobre a gestão democrática e qualidade de ensino no Rio Grande do Sul*. Seminário Nacional Inclusão e Diversidade. FACCAT.Taquara-RS, 2010.

_____. *Relações entre o público e o privado: a gestão pedagógica da educação no Programa Circuito Campeão do Instituto Ayrton Senna (2007-2010)*. Tese (Doutorado). UFRGS. Faculdade de Educação, PPGEDU. Porto Alegre, RS, 2013.

CURY, Carlos Roberto Jamil. *Direito à educação: direito à igualdade, direito à diferença*. Cadernos de Pesquisa, n.116, p.245-262, jun. 2002.

ELIAS, Marisa Del Cioppo (org). *Pedagogia Freinet, Teoria e Prática*. Campinas, SP: Papirus, 1996.

_____. *Célestin Freinet: Uma Pedagogia de atividade e cooperação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LIMA, Elvira Souza. *Currículo, cultura e conhecimento*. 3 ed. São Paulo: Inter Alia Comunicação e Cultura, 2011.

MORAIS, Regis de org. *Sala de aula: que espaço é esse?* 5. ed. Campinas, SP: Papirus, 1991.

PARO, Vitor Henrique. *Educação como Exercício do Poder: Crítica ao senso comum em educação*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.